

**PÓS O LIVRO PARA A INFÂNCIA: PROCESSOS
CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E
MEDIÇÃO
FACONNECT - POLO A CASA TOMBADA
ALUNA: TEREZINHA BORSATTO MARIUSSI**

**A Importância da Capacitação de Professores em Narração de
Histórias e Mediação de Leitura: instrumentos necessários à
formação de leitores.**

Trabalho de conclusão de curso
de Pós-graduação: “O Livro para
Infância: processos
contemporâneos de criação,
circulação e mediação.
Apresentado à Faculdade
Faconnect.
Polo: A Casa Tombada.
Orientadoras: Camila Feltre e
Cristiane Rogerio.

São Paulo
2023

Conte a história para todos os tempos,
de modo que cada grão de areia e
cada verme que já existiram a ouçam.

Brother Blue

A Importância da Capacitação de Professores em Narração de Histórias e Mediação de Leitura: instrumentos necessários à formação de leitores.

Resumo

O presente artigo é um relato de uma contadora de histórias e mediadora de leitura, embasado por revisão bibliográfica e por experiências ao longo da vivência em salas de aula, oficinas de formação e narração de história.

Nele, propõe-se uma reflexão sobre a influência do professor na formação de novos leitores e a importância da capacitação de mediadores de leitura e contadores de histórias.

Palavras chaves: formação, mediadores de leitura, contadores de histórias.

Introdução

O tema aqui abordado surgiu a partir de discussões durante a pós-graduação “O Livro para Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação. Oferecida pela Faculdade Faconnect. Polo: A Casa Tombada.

Reverendo minha prática como mediadora de leitura e contadora de histórias algo sempre me interessou nos meus estudos: o acesso ao livro e a leitura. Conforme, A Lei 12.244, aprovada em maio de 2010, determina que até maio de 2020 todas as escolas brasileiras tenham biblioteca. Porém, o que vemos está muito longe desta realidade. Das 180 mil escolas brasileiras, 98 mil ou 55% não têm biblioteca escolar ou sala de leitura. (Fonte: Agência Câmara de Notícias) Dessa forma, o problema se agrava quando ouço professores ponderarem que não contam histórias porque não sabem como fazer, não há tempo hábil em sala de aula e que, também, não possuem material para mediar leituras diariamente.

Sabe-se que os afazeres do professor muitas vezes o impedem de abrir espaço no seu dia-a-dia para a prática da leitura e narração de histórias em sala de aula. Mas como isso é possível se a escola deveria ser o principal veículo de motivação para esta prática? Por que estes tipos de atividade estão em segundo ou terceiro plano? A falha estaria na dinâmica das atividades da escola ou seria na formação do professor? E se professores fossem habilitados para uma prática em mediação de leitura e narração de história? Se tivessem esta formação, será que não encontrariam formas, jeitos ou motivação para o incentivo à leitura e à narração de história?

Estas e muitas outras são perguntas que me provocam. Sabe-se, que não se pode gostar do que não se conhece, e que, aquele que deveria ser ponte entre livro e leitor, ou seja o professor, muitas vezes desconhece estes caminhos, devido ao fato de não lhe ser oportunizada esta formação, poderia até dizer que não lhe foi permitido exercer o seu direito, direito de conhecer. Por esta razão não faz, não por não querer, mas por não ter lhe dado o direito de conhecer.

A partir de uma experiência como contadora de histórias, formadora de contadores de histórias e mediadores de leitura, neste artigo, destaco, a importância de habilitar professores em Narração de Histórias e Mediação de

Leitura. E, por acreditar que a leitura exerce papel fundamental no desenvolvimento do ser humano, o professor, na sua formação, necessita receber atenção especial para o incentivo desta prática. Participar de rodas de leitura, contação de histórias, oficinas, palestras, workshops, vivências e cursos. Passar por experiências significativas, que lhe dê embasamento para poder cativar para o livro, a leitura e a narração de histórias. Ressalto também sobre a importância de o professor estar em constante aperfeiçoamento. Aproveito para destacar o curso que motivou este artigo (O Livro para Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação – A Casa Tombada).

O relato que segue a de uma contadora de histórias privilegiada, que teve sua formação ainda na infância. A luz do lampião a gás, nos fins de tarde, meu pai frequentemente nos contava histórias. Como não podia deixar de ser, ao deitar, os pensamentos eram povoados pelas histórias ouvidas, e o medo gostoso das histórias mal-assombradas, que deixaram boas lembranças. E foi esta experiência que me fez mais tarde me descobrir, logo depois de ter concluído o magistério, uma narradora de histórias apaixonada pela narrativa; dando início as minhas pesquisas sobre a arte de contar histórias.

Me tornar formadora de contadores de histórias aconteceu quando me mudei do Paraná para Bahia, em 2004. Assim que iniciei as atividades de narração de histórias, a ação não demorou a conquistar a comunidade escolar, logo surgiram os convites para falar de contação de histórias e os cursos de formação vieram na sequência, assim como os de mediadores de leitura.

Este relato se alicerça nas bibliografias acerca da formação de professores em narração de histórias e promoção do livro para a infância, ou seja, vivências literárias e práticas pedagógicas em leitura; a importância de um ambiente leitor motivador e um trabalho com literatura de qualidade, tendo como finalidade conquistar professores e famílias, para que possam despertar nos pequenos o gosto pela leitura e a narração de histórias.

1. Em cena, o contador de histórias!

Destaco Ângela Barcellos Café, contadora de histórias, arte-educadora e mestre em estudos do lazer, (2015) diz que: “por volta da década de 1980, em vários países, houve uma recuperação na valorização e no desenvolvimento da arte de contar histórias, por meio de formações específicas de contadores”.

Eu, como privilegiada, nessa época tinha um contador de histórias quase particular. No sítio, onde passei minha meninice e adolescência, um grande quintal, favorecia as brincadeiras. Família numerosa, éramos dez irmãos. Uma infância povoada de causos. Sem a luz elétrica, o que iluminava as noites e as rodas de histórias narradas por meu pai, eram as lamparinas a querosene e o velho lampião a gás. Sem televisão, as histórias alimentavam nossa imaginação. E foi neste contexto que eu cresci, e, como não podia deixar de ser, me encantei pelas narrativas. Saboreando, digerindo vagarosamente cada palavra, cada história que divertia e ensinava.

E é justamente deste lugar de histórias, e do poder do contador de histórias e da rica presença no meio familiar e escolar e da sua contribuição para a formação de leitores, mediadores de leitura, escritores e novos contadores de histórias, que eu digo que contar histórias pode ir muito além do ler, escrever e contar.

No livro *A renovação do conto: emergência de uma prática oral*, Maria de Lourdes Patrini, doutora em Antropologia Social que estuda transmissão e recepção do conto oral, relata:

A escola privilegia a escrita e avalia a capacidade do aluno para produzir uma narrativa escrita. Devemos nos perguntar por que a escola continua a ignorar as capacidades para desenvolver uma narrativa oral de alunos de um país como o Brasil, cuja oralidade é ainda viva e fortemente dominante em certas regiões. (PATRINI, 2005, p. 20)

Desta forma, a atuação do contador de histórias ultrapassa o prazer de contar e ouvir, incentiva a expressão oral, adquirindo uma função social importante, favorecendo o desenvolvimento de uma infinidade de habilidades.

Patrini discorre sobre o que acontecia nas escolas francesas no ano de 2005 e eu vejo aqui justamente a motivação que me provoca tantas perguntas:

... Nas escolas francesas, o contador de história é um profissional independente e está do lado de fora do “muro” da instituição. A prática de contar e ouvir histórias já é uma prática instituída nas escolas. Trata-se de uma atividade que obedece a horários estabelecidos, fazendo parte do programa do ano escolar. Logo de início, pude constatar o grande entusiasmo e a alegria que toma conta das crianças quando se preparam para ouvir histórias. Frequentemente, elas trocam de sala - as menores são acompanhadas pelos professores - e aguardam com impaciência a entrada do contador ou da contadora na sala. Esta preparação, produz sem dúvida, uma mudança no foro íntimo das crianças. Que deixam para trás as práticas da instituição, esperando a abertura de uma cortina sobre um novo palco onde atuarão personagens de um mundo mágico. (PATRINI, 2005, p. 25)

Assim, como a atividade citada por Patrini, eu realizo experiências semelhantes no Centro Educacional Maria Cardoso Ferreira – CEMAC e no Colégio Mimoso do Oeste – CMO, ambas da rede privada, situadas no oeste do estado da Bahia, na cidade de Luís Eduardo Magalhães. Criamos nas escolas espaços dedicados à narração, onde as crianças são levadas para ouvir as narrativas, atividade que ocorre semanalmente.

Vivências de mais vinte anos no meio escolar como contadora de histórias, me levam realmente a acreditar, que seria fabuloso o professor receber uma formação em narração de histórias e mediação da leitura. É claramente percebido como as narrativas favorecem a criatividade, a capacidade crítica da criança e o seu amadurecimento. A partir das inúmeras experiências proporcionadas pelas histórias, a criança aprende com elas. Em seus discursos demonstram claramente que sabem fazer relação das histórias narradas, com a realidade vivida, e sem falar no gosto, no prazer, que demonstram por ouvir histórias.

Desta forma, é notório dizer que a humanidade desde os primórdios permanece apaixonada pelas narrativas, e que a criança mesmo com toda a

influência da mídia, continua com o mesmo prazer de ouvir histórias que possuíam nossos antepassados. Similarmente, como diz a poeta e autora de literatura infanto-juvenil, Cecília Meireles:

O gosto de contar é idêntico ao de escrever – e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores. O gosto de ouvir é como o gosto de ler. Assim, as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com as vozes presas dentro do livro, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas. (MEIRELES: 2016, p.30)

Acreditar nas histórias, no poder do contador de histórias e em tudo mais que envolve as narrativas; manter acesa e viva esta chama do narrar, como costumamos falar nas rodas de histórias, quando se refere a dar continuidade a arte de contar histórias incentivando a habilidade narrativa para as gerações futuras, dar vida ao texto escrito por meio da oralidade, dar-se, ao direito de experimentar, abrir caminhos, são experiências que favorecem inúmeros significados.

De maneira semelhante, Gilka Girardello, (2014, p. 09 e 10) contadora de histórias e pós doutora em educação, lembra a fala do filósofo francês Paul Ricoeur, para ele: “a imaginação que cria esse espaço de mediação, onde podemos comparar os nossos desejos e demandas éticas com os dos outros. Só por isso, faria muito sentido abrir e manter aberto o espaço para as histórias nas escolas, pois o estímulo narrativo é um dos mais poderosos hormônios da imaginação”. A autora segue dizendo:

Contar e ouvir histórias agem como uma pequena lareira nesse bosque, um espaço onde se vê a luz das estrelas, onde as crianças podem exercitar de forma especial seus poderes de enxergar longe, além do que a vista alcança. (GIRARDELLO, 2014, p.10)

Ouvir histórias é exercitar a capacidade de imaginar, se colocar no lugar do outro, conhecer outras formas de pensar, viver e sentir, experimentar novas possibilidades, fazer relação com as experiências já vividas e aprender com elas.

Narrar histórias é também uma troca que aproxima os sujeitos envolvidos. Sem esquecer que em um ambiente profissional o domínio de

técnicas e o envolvimento afetivo entre narrador e história faz toda a diferença. Já cheguei a ouvir uma vez de uma aluna: “Tia, quando você conta a história parece mais verdade”. Diante de relatos como este, acredito ser o conhecimento e a metodologia empregada durante a narração da história que a deixa mais “verdadeira”, podendo dessa forma atingir emocionalmente o ouvinte.

Dessa afetividade envolvida entre contador e história, fala a contadora de histórias, pesquisadora da literatura oral, Cléo Busatto.

O envolvimento afetivo com a história permite maior flexibilidade ao narrador, pois ele poderá perceber como ela atua junto aos ouvintes, e assim conduzir a narrativa para que aquelas demandas sejam atendidas. Cada narrador imprime sua personalidade ao conto, priorizando passagens que mais lhe impressionam, reforçando alguma imagem que lhe toca de uma maneira especial, intenção que considera primordial, e isto é natural, se pensarmos na narrativa como uma atividade dinâmica que atua sobre os diferentes níveis de realidade. (BUSATTO, 2012, p. 48)

Contudo, cada criança ouve, recebe, entende e digere a história de acordo com o que está sentindo. A exemplo disso, uma situação ocorrida no Colégio Mimoso do Oeste - CMO, na cidade de Luís Eduardo Magalhães, ano de 2015. Turma de educação infantil, 4 anos, que eu atendia semanalmente com narrativas. A história narrada foi: “A Galinha Choca” de Mary França e Eliardo França, editora Ática.

Na história, aparece um ovo a mais no ninho da galinha e ela acaba chocando um inesperado filhotinho, um patinho.

Após a história, as crianças tiraram dúvidas, opinaram, enfim, muita conversa se desenrolou a respeito da história narrada. Questionei-as de diversas formas, incentivei-as a falar a respeito dos fatos ocorridos na história. Em um determinado momento, perguntei: vai dar certo a galinha cuidar dos pintinhos e ainda cuidar do patinho? Isabela, 4 anos, levanta a mão e diz: “Dá certo sim, tia! Minha mãe também não pôde me cuidar e me deu para outra pessoa! ”

Tempos depois, no ano de 2021, no Centro Educacional Maria Cardoso Ferreira – CEMAC, ainda no município de Luís Eduardo Magalhães, estado da Bahia. Turma de educação infantil (seguimento 5 anos). As crianças são

envolvidas na mesma conversa, curiosamente, da mesma história do primeiro evento. Maria, 5 anos, diz: “Tia, minha avó, como a pata também rejeitou minha mãe, a avó da minha mãe que cuidou dela. A minha avó aceitou todos os outros filhos, menos a minha mãe. ”

Outra situação, aconteceu Ana Thereza, 6 anos, estava com um dente mole, pedi para tentar retirá-lo. Ela disse: “Não, lembra da história da borboleta que o homem ajudou a abrir o casulo? Precisa esperar o dente ficar pronto!” Ela se referia à história que tinha sido a ela narrada “A Lição da Borboleta” (autor desconhecido - texto em anexos).

Certa ocasião fui convidada a narrar o conto A Moça Tecelã de Marina Colasanti¹ para duas turmas do Curso de Agronomia – UNIFAAHF, Luís Eduardo Magalhaes-Ba). Para essa história utilizo como recurso vários romances de lá coloridos. Fui apresentada e narrei a história como tinha planejado, deu tudo muito certo. Notei pela fisionomia dos alunos durante a história que tinham apreciado. Ao final dos agradecimentos, fui recolher meu material (os romances) para me retirar, neste momento ouvi um rapaz de seus 17/18 anos dizer para uma colega: “nossa, quando ela contava eu via a história como se fosse um filme na minha frente!” Essa entrega, o permitir-se sonhar, não acontece somente com os pequenos, também com todas as pessoas que são contempladas com a narrativa.

Estas pérolas me foram presenteadas e ficaram em minha memória gravadas. Gostaria eu, de poder anotar tudo que ouço após as narrativas, mas como as histórias são presentes, deixo que as levem. Desta forma, é importante observar que, assim como nas experiências acima citadas, muitos são os eventos em que as crianças não verbalizam, mas ainda assim, são atingidas em camadas mais profundas do que podemos imaginar, como relata, a contadora de histórias e formadora de contadores de histórias Cléo Busatto.

“Ao contar histórias não atingimos somente o plano prático,
mas também o nível

¹ A Moça Tecelã de Marina Colasanti, Editora Global – 2004. Trata-se de um conto que retrata a história de uma moça que vivia sozinha e passava os dias trabalhando em um tear, mas era feliz. Com o decorrer do tempo, ela sente necessidade de ter um marido. No entanto, depois que o homem descobriu o poder do tear, passou a explorar o seu trabalho.

do pensamento, e, sobretudo as dimensões do mítico-simbólico e do mistério”. (BUSATTO, 2012, p. 45).

Infinitas seriam as possibilidades de elaboração se as crianças tivessem histórias diariamente em sala de aula; quanto conhecimento teria ofertado a elas, se o professor se permitisse contar regularmente histórias. Inúmeras viagens e ricas experiências seriam ofertadas, e quanto poderia contribuir na vida da criança. Para isso, o professor precisa conhecer, descobrir que é possível. Como afirma, a contadora de histórias, especialista na cura através da arte, Nancy Mellon.

Você (professor), como todo ser humano, é um contador inato de histórias. Você nasceu com um estoque inesgotável de temas pessoais e universais. É importante abrir-se para receber essa vasta riqueza imaginativa que vive dentro de você. Construa uma fogueira em seu interior e deixe que ela se transforme em um círculo de proteção. Dentro dela, a sabedoria do seu coração poderá arder e inflamar. Peça para que tudo aquilo que está concentrado no fogo dos céus, terras e mares criados por sua imaginação possa fluir com boa vontade. Permita que qualquer um que escute receba de forma aberta e que é criado dentro das fogueiras seguras de seu mundo de histórias. (MELLON, 2006, p. 23).

É preciso inspirar o professor para que tenha a possibilidade de exercer o seu direito de conhecer o “contar” e assim poder despertar-se para o “fazer”. Acredito que uma boa história possa transformar a vida de quem conta e de quem ouve. Não podemos ficar à mercê apenas de transmitir a informação como uma notícia de telejornal, como escreve o filósofo e ensaísta Walter Benjamin.

A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres de histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam empregados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável à narrativa, e quase tudo beneficia a informação. Metade a arte narrativa está em ao comunicar uma história, evitar explicações. (BENJAMIN, 2012, p. 219).

Neste sentido, a narrativa deixa o ouvinte livre para interpretar a história da forma como desejar. A preocupação aumenta quando vemos a narrativa se distanciar cada vez mais da escola, como relata Benjamin. “É cada vez mais

rara as pessoas que sabem narrar devidamente”. E segue dizendo, que “a experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores”. (Benjamim, 2012, p. 213) - E quando Benjamim (2012, p. 213) - fala “que está cada vez mais rara as pessoas que sabem narrar”, percebo a urgência do aprender a contar, sendo assim, esta arte precisa resistir, necessitamos insistir e formar contadores de histórias. Por mais evoluída que seja a humanidade, e eficaz os meios de comunicação, o artista/profissional contador de histórias é insubstituível.

Ao receber a história, aquilo se torna real para a criança, o sentimento que passa por ela durante a narrativa é real, uma sabedoria prática transmitida por meio da oralidade presente.

Porém, como relata Fabiano Moraes, sobre a arte de contar histórias. Ele que é doutor em educação, escritor de livros para crianças e jovens.

É preciso tomar cuidado para que não se queira ensinar no momento de contar a história tudo aquilo que foi lido e aprendido. Cabe lembrar que a história fala por si e é preciso estar atento para que ela não se torne equivocadamente em aula, o que a tornaria enfadonha.
(MORAES 2012, p. 35).

Se a leitura na escola for uma experiência agradável, cheia de motivação e curiosidade, teremos um aprendizado transformador e se tornará imprescindível. Para tanto, é preciso separar conteúdo pedagógico de incentivo ao livro e às narrativas. Professores devem trabalhar diariamente com literatura, pois é através dela que o aluno sente, vive e descobre emoções que nem sempre podem ser experienciadas no seu dia-a-dia. Como afirma, a escritora, contadora de histórias Regina Machado.

É preciso que educadores percebam a importância do conto tradicional (*e outras histórias*) como uma experiência de contato com a arte da palavra. Não se trata de preparação para algo posterior, como a leitura de textos literários de autores, ou instrumentos para o letramento. Em si mesma, essa experiência contribui para que as crianças possam forjar, pouco a pouco, um rico arsenal de imagens internas alimentadas pela arte da palavra tanto oral como escrita. (MACHADO, 2015, p. 49)

Abeirar-se do constante contato com livros e narrativas, proporciona rica experiência para os alunos e contribui inclusive para facilitar a aprendizagem do conteúdo pedagógico disciplinar. Ou seja, as histórias se tornam instrumentos que contribuem e enriquecem os objetivos escolares, sem que esta atividade tenha cara de aula, se tornam recursos didáticos diferentes, colabora com o desenvolvimento da criatividade e fornecem uma infinidade de informações, que ficam à disposição da criança sempre que precisar usar.

2. Formação de Leitores: postura leitora e o professor como modelo

“Um livro bem lido é para quem o lê um passaporte para a fantasia e o despertar de si mesmo”.

Daniel Pennac -1993

A leitura tem grande influência no acesso ao conhecimento, e à cultura da humanidade. Desta forma, é preciso despertar na criança, desde pequena o gosto pela leitura e mantê-la ávida constantemente. Para que isso aconteça, os pequenos leitores devem ser estimulados, contagiados. Se esta motivação não vier da família, cabe ao professor o encargo de executar a função de mediar a leitura.

A prática da mediação da leitura, é uma atividade que consiste em introduzir o livro na rotina do sujeito, ela estabelece a aproximação do leitor com o texto escrito de forma significativa, uma vez que mediar é favorecer o encontro do sujeito com o livro, estimulando a leitura. Para isso, é necessário, que se abra espaços entre as atividades escolares, e que se tenha espaços onde os livros possam ser explorados, oportunizando um fácil acesso a eles; é preciso que o livro esteja no cotidiano da criança; e em especial é imprescindível, que o professor seja um simpatizante desta atividade. Como pondera a formadora de novos leitores, professora e contadora de histórias Edi Fonseca.

Para trabalhar a leitura é preciso oferecer tempos para ler e falar sobre a leitura. Se a criança pequena observa que ler é importante para o adulto, isso para ela também será importante. Se ela observa que ela aparece com regularidade na rotina da

escola, em práticas sociais, aprende que é algo importante, útil, valorizado e passa a considerá-la igualmente. Pensando nisso, a leitura precisa ocupar momentos de destaque na rotina, garantindo que todos possam usufruí-la. (FONSECA, 2012, p. 41)

Compreendemos que os livros não chegam sozinhos até a criança, ainda que chegassem, há muita coisa neles que necessitam ser facilitadas por um adulto. Neste sentido, como descreve, a professora, pesquisadora e especialista em livros infantis, Ana Garralón.

O papel do adulto é fundamental em nosso propósito de oferecer diferentes leituras, cabendo a ele ajudar as crianças não só na compreensão dos textos, mas também na apresentação de livros variados, com uma gama maior de temas. Para começar, os mediadores devem estar motivados e efetivamente interessados. O mediador é aquele que seleciona e escolhe livros, é ativo e se apresenta como um modelo de leitor que cria contextos para discutir e compartilhar ideias entre as crianças, estimulando-as a falar e a escrever sobre o que leem. (GARRALÓN, 2015, p. 194 e 195).

Ao reconhecer a importância da materialidade, e a presença física do livro, o professor na função de formador de leitor, deve procurar ter acesso a uma infinidade de livros para a infância, livros que ofereçam diferentes possibilidades e diversidade (autores, ilustradores, editoras, formatos, etc.) para que possam explorar toda a sua potencialidade.

Reyes (2010), conta como a criança, quando exposta aos livros e histórias se diferenciam das demais:

Os relatos contados pelas vozes adultas permitem que as crianças entrem em contato com uma língua diferente da fala do imediatismo, e essa experiência acaba sendo fundamental tanto para nutrir o pensamento e dotá-lo de “estruturas invisíveis” que dão coesão a sua própria narrativa – é impressionante quando se descobre como as narrativas das crianças habitualmente expostas às histórias se diferenciam das outras a quem não se contam nem se leem histórias. (REYES, 2010, p. 67).

Mediar a leitura ou contar histórias, promove estímulos diversos, desperta para o ouvir, o observar de imagens do livro ou as imagens projetadas na tela

mental. No final, é importante ouvirmos o que os pequenos leitores têm a dizer, sobre o que perceberam, sentiram, imaginaram.

Todavia não é qualquer livro que promove múltiplas possibilidades, e o gosto pela leitura. Para que isso aconteça é necessário que se tenha em mãos livros de qualidade. Para encontrá-los é preciso ir à caça, garimpar, descobrir onde estão e selecioná-los.

Ressaltando a importância de uma literatura de qualidade, discorre a especialista em literatura Maria Teresa Andruetto.

Um grande livro é um livro que cresce enquanto alguém cresce, um livro que não se gasta, que muda conosco, que na releitura tem algo novo para dar-nos. Um bom livro é um território no qual vamos em busca de perguntas e no qual as respostas, sempre provisórias, aparecem enquanto escrevemos ou lemos, e aparecem na medida em que o escrito toma forma. (ANDRUETTO, 2017, p. 93)

Desta forma, reforça Cristiane Rogerio, in Tierno, (2010, p. 70) “*Uma infância entre livros jamais vai querer ser esquecida.*” É também importante lembrar que, para que esta experiência com a literatura seja significativa tanto em casa como na escola, é necessário muitos e bons livros.

Porém, estamos cientes de que nem todas as escolas possuem biblioteca de qualidade e que muitas crianças nunca possuíram um único livro. E o que mais preocupa, é saber que estamos longe de esperar que saiam das instituições de ensino superior de pedagogia, profissionais aptos a formar leitores, como relata a educadora Eunice Durham, em entrevista à revista *Veja* (23 de nov. 2008) – in Bortoni-Ricardo, 2018, onde diz:

As faculdades de pedagogia formam professores incapazes de ensinar o básico, entrar na sala de aula e ensinar a matéria. Mais grave ainda, muitos desses profissionais revelam limitações elementares que não conseguem escrever sem cometer erros de ortografia simples nem expor conceitos científicos de média complexidade(...)

Os cursos de pedagogia desprezam a prática da sala de aula e supervalorizam teorias supostamente mais nobres. Os alunos saem de lá sem saber ensinar. (DURHAM, 2008)

Sendo assim, não faz sentido dizer que professores devam intensificar suas ações de mediação, pois sabemos que, alguém que não aprendeu sobre um determinado assunto, não passou por vivências práticas, não conseguirá ensinar. Se este profissional não foi encantado, como irá encantar? Como vai dar algo que não recebeu?

Impressionante como o saber fazer oferece possibilidades. Mantive um curso de formação e contadores de histórias por seis anos consecutivos, oferecido pela instituição FAAHF – Faculdade Arnaldo Horácio Ferreira de Luís Eduardo Magalhães, estado da Bahia, um curso de 40 horas/aulas, com duração de quatro meses. (Destaco que o curso ficou suspenso por dois anos devido a pandemia da COVID-19. Em 2021 retomou em outro formato, agora numa duração de 25 horas/aula, promovido pela FATUM Educação). O curso acontece aos sábados pela manhã e as aulas exclusivamente de minha responsabilidade. Na culminância, faz-se um sarau de formatura onde cada aluno/a narrava uma história para uma plateia de convidados.

Durante o curso, contribuo com diferentes possibilidades de se descobrirem contadores (as) de histórias. Neste percurso, muitas e curiosas histórias tenho para contar. Como exemplo, da aluna Indiara², professora da rede pública de ensino de Luís Eduardo Magalhães/Ba, recém-formada em pedagogia. Apesar da aluna receber muitas oportunidades para contar histórias, ela não se encorajou a fazer. Faltando duas aulas para o encerramento do curso ela me disse: *“professora não vou conseguir contar a história no sarau!”* Respondi que não poderia obrigá-la, e segui dizendo: *Você fez um curso de 40 horas para aprender a contar histórias e não vai contar no sarau de formatura, como você vai se sentir? Não vai ser frustrante para ti?*

Na aula seguinte ela trouxe a história, os recursos e contou lindamente, assim, fez também no Sarau de Formatura. O que mudou, não sei dizer! Sei que a narrativa estava dentro dela, e ela simplesmente deixou sair, libertou. Quando conheço me liberto, seria algo assim, estar livre para poder fazer.

Outra aluna, Marinêz, ao contrário da aluna citada anteriormente, se arriscava no contar e não temia o público. Em várias oportunidades a ouvi dizer: “minha vida se divide em antes de *Tere* e depois de *Tere*, dizia, referindo-se ao

² Optou-se por dar apenas o primeiro da aluna cursista.

curso de Contadores de Histórias”. Ela sempre teve uma relação muito forte com as histórias, teatro e religião. As histórias, as quais já gostava passaram a ter outro significado e ela passou a dizê-las de forma diferente, sentindo, vivendo e não apenas interpretando como fazia antes.

Carla, orientadora educacional, relata que após o curso, descobriu que a partir das histórias, era possível tocar, conduzir e orientar as crianças de forma mais profunda e eficaz. Passou a utilizar as histórias em seus atendimentos. Enfim, o Curso de Contação de Histórias transformou a sua vida e as ações exercidas por ela dentro do seu trabalho

Todavia, Maria Teresa Andruetto aconselha:

Não se trata de fazer coisas tão especiais ou estranhas, só as que são habituais aos leitores. Para quem não provém de um espaço familiar leitor, diminuir esta brecha é uma tarefa que se resolve na escola, e então precisamos fortalecer os professores, aproximá-los dos livros, fornecer a eles tempo de encontro com livros e capacitação, facilitar-lhes um pouco a imensa tarefa que depositamos em suas mãos. O professor é uma ponte indispensável, pois um bom mestre transmite, além de conhecimento específico, um modo de estar no mundo, uma concepção de vida, e deixar uma marca profunda, pode deixar o seu sinal: ensinar, em seu sentido mais essencial. (ANDRUETTO, 2017, p.127).

Por fim, é necessário advertir que para formar leitores, é preciso conhecer o livro e os caminhos que levam a ele. Mas o que se percebe, é que este caminho ainda é longo e tem-se muito a ser feito no que cabe a capacitação de professores, incentivadores de pequenos e jovens leitores. Completo com as palavras de Andruetto.

Por isso a leitura é desejável e por isso deveríamos tentar que ela seja de todos. Temos muito pela frente para melhorar a quantidade e a qualidade leitora de nossos jovens, porque ainda é muito grande a desigualdade de oportunidades. Por essa razão, necessitamos de mestres e de professores que valorizem a importância de introduzir nos novos leitores a dificuldade, docentes capazes de construir um leitor a quem não seja igual este ou aquele livro. (ANDRUETTO, 2017, p. 92).

Todavia, devemos buscar preencher com práticas que podem ser inseridas na rotina da criança e porque não do professor. Para que a mensagem

de que a leitura é essencial na vida do ser humano e que se trata de algo importante socialmente, devemos envolver todos em atitudes que farão a diferença no desenvolvimento da criança. Desde pequenas, elas precisam se relacionar com livros, com ilustrações atraentes e com boas histórias. Para tal, é preciso que o professor receba formação, aprenda a gostar para aprender a fazer.

Como afirma a doutora em ciência da educação, Teresa Colomer: “Saber ler, narrar e recitar faz parte das habilidades próprias dos docentes de qualquer etapa educativa”. (Colomer 2017, p. 100). Ou pelo menos deveria ser, mas sabemos que em nossa realidade é impossível desejar que todos tenham esta habilidade ou que tenham despertado para ela em sua formação. Contudo, cursos centralizados de habilitação em leitura e narração, farão a diferença para alguns professores, e ficamos esperançosos que mais tarde façam a diferença para muitos. Para, afinal, o livro chegar quando necessário pela mão do professor até a criança, com a toda beleza e riqueza que ele possui.

Reafirma a especialista em Literatura e diretora da Oficina Espantapájaros - Bogotá/Colômbia, um projeto cultural de formação de leitores desde a primeira infância Yolanda Reyes (2010, p. 84). “O acompanhamento e a presença afetiva do adulto que lê para ela (*a criança*) são “o único método” para manter viva a fé nos poderes de decifração dos livros”.

Se à escola foi dado o desígnio de formar leitores, o professor é o principal executor dessa função, é dele o dever de apresentar o mundo da leitura ao aluno. A forma como o professor irá realizar essa tarefa será decisiva para despertar ou não o interesse pela leitura.

Sem esquecer, como já citado acima, que a literatura deve ser diversificada (formatos, editora, autores, ilustradores...). É importante que o professor busque para suas crianças, livros que vão incitar a imaginação e a sensibilidade, acender a curiosidade e responder a suas diferentes expectativas. Assim como assegura Patte (2012, p. 68) “Se não apresentarmos belas obras para as crianças, elas correm o risco de jamais as conhecerem”.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi levantar questões a respeito da importância da formação do professor em contação de história e mediação de leitura. Tendo em vista os aspectos apresentados, confio que narrar histórias e mediar a leitura, são atividades essenciais no dia-a-dia da sala de aula.

O primeiro passo deste artigo foi apresentar o contador de histórias, suas experiências e como as histórias podem atingir a criança e até mesmo o professor ao experimentar novas formas de contar. Após, os efeitos das histórias e da presença do contador no cotidiano da escola, criando memórias e dando sentido à leitura e a narração.

Desta forma, não é compreensível deixar que a motivação ao livro e à literatura fique resumida ao contador de histórias, mediador de leitura que aparece em sala de aula uma vez na semana ou esta, seja, atividade eventual realizada pelo professor. Ou ainda, que se possa falar em leitura no dia dedicado ao livro, ou eventos literários da escola, o incentivo ao livro nos anos iniciais deve ser diário e constante na vida da criança. Por fim, expus experiências de formação de contadores de histórias e os resultados de uma nova concepção de como contar histórias.

Em virtude do que foi mencionado no que compete ao incentivo e motivação, aspiro para que chegue o dia em que todas as crianças possam ouvir muitas histórias, e que tenham acesso ao livro e estes, sejam apresentados com tanta beleza que despertem em todos os alunos, o desejo de possuí-los e lê-los.

Enfim, deixo aqui minhas perguntas para que outros façam as suas. E concluo este estudo, trazendo uma citação:

"Entre algumas comunidades africanas, quando um narrador chega ao final de uma história, põe a palma da mão no chão e diz: *aqui deixo minha história para que outro a leve.*"

María Teresa Andruetto

REFERÊNCIAS

1. Andruetto, Maria Tereza – **A leitura, outra revolução** – São Paulo: Edições SESC, 2017.
2. Andruetto, Maria Tereza – **Por uma literatura sem adjetivos** - São Paulo - Editora Pulo do Gato, 2012.
3. Benjamim, Walter – **Magia e técnica, arte e política ensaios sobre literatura e história da cultura**.8º edição – SP – Brasiliense, 2012.
4. Bortoni-Ricardo, Stella Maris – **Formação do professor como agente Letrador** - São Paulo Ed. Contexto, 2018
5. Busatto, Cléo – **Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa;** 8ªedição - Editora Vozes – 2012
6. Café, Angela Barcelos - **Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores** – Disponível em: - https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19310/1/2015_%C3%82ngelaBarcellosCoelhoCaf%C3%A9.pdf – 2015
7. Colasanti, Marina – **A Moça Tecelã** – 1ª edição – São Paulo - Global - 2004
8. Colomer, Teresa – **Andar entre livros: a leitura literária na escola** – Global editora – 2007- SP
9. Colomer, Teresa - **Introdução a literatura infantil e juvenil atual** – 1ª edição - São Paulo, 2017
10. Fonseca, Edi – **Interações: com olhos de ler** – São Paulo, Blucher - 2012
11. Yolanda, Reyes – **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância** – São Paulo, Global, 2010.
12. Garralón, Ana – **Ler e Saber: os livros informativos para crianças**. São Paulo - Editora Pulo do Gato, 2015.
13. Girardello, Gilka - **Uma Clareira no bosque: contar histórias na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2014.
14. Machado, Regina – **A arte da palavra e da escuta**, 1ª edição - São Paulo, Editora Reviravolta – 2015
15. Meireles, Cecília – **Problemas da Literatura Infantil** – 4ª edição- São Paulo: Global, 2016.
16. Mellon, Nancy – **A arte de contar histórias** – Rio de Janeiro – Rocco – 2006

17. Moraes, Fabiano – **Contar Histórias, a arte de brincar com as palavras** – Petrópolis – RJ - vozes 2012
18. Patte, Geneviève – **Deixem que leiam.** Rio de Janeiro, Rocco, 2012.
19. Patrini, Maria de Lourdes – **A renovação do conto: emergência de uma prática oral** – Editora Cortez – São Paulo – 2005
20. Pennac Daniel – **Como um romance** – Editora Rocco Rio de Janeiro - 1993.
21. Tierno, Giuliano – **A arte de contar histórias: abordagem poética, literária e performática.** São Paulo – Ícone Editora – 2010

Anexos

O texto que segue "A Lição da Borboleta", é autor desconhecido, foi citado, para exemplificar a fala de uma criança na página 10, quinto parágrafo.

A Lição da Borboleta

Um homem, certo dia, viu surgir uma pequena abertura num casulo. Sentou-se perto do local onde o casulo se apoiava e ficou a observar o que iria acontecer, como é que a lagarta conseguiria sair por um orifício tão miúdo. Mas logo lhe pareceu que ela havia parado de fazer qualquer progresso, como se tivesse feito todo o esforço possível e agora não conseguisse mais prosseguir. Ele resolveu então ajuda-la: pegou uma tesoura e rompeu o restante do casulo. A borboleta pôde sair com toda a facilidade..., mas seu corpo estava murcho; além disso, era pequena e tinha as asas amassadas.

O homem continuou a observá-la porque esperava que, a qualquer momento, as asas dela se abrissem e se estendessem para serem capazes de suportar o corpo que iria se firmar a tempo. Nada aconteceu! Na verdade, a borboleta passou o restante de sua vida rastejando com um corpo murcho e asas encolhidas. Nunca foi capaz de voar.

O que o homem em sua gentileza e vontade de ajudar não compreendia era que o casulo apertado e o esforço necessário à borboleta para passar através da pequena abertura eram o modo pelo qual Deus fazia com que o fluido do corpo daquele pequenino inseto circulasse até suas asas para que ela ficasse pronta para voar assim que se livrasse daquele invólucro.

Algumas vezes o esforço é justamente aquilo de que precisamos em nossa vida. Se Deus nos permitisse passar através da existência sem quaisquer obstáculos, Ele nos condenaria a uma vida atrofiada. Não iríamos ser tão fortes como poderíamos ter sido. Nunca poderíamos alçar voo

Autor Desconhecido

Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/a-licao-da-borboleta/#:~:text=A%20lagarta%20passa%20por%20um,e%20o%20mundo%20em%20geral.>